

## **A TRADUÇÃO CRIATIVA E A PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE: A PASSAGEM DO CONTO *A CHILD AND A TREE* DO LIVRO PARA O PALCO**

Carlos Alberto Gohn  
UFMG

A crise no manejo do meio ambiente torna imperativo que sejamos criativos ao enfrentar desafios como, por exemplo, o corte indiscriminado de árvores em nossas florestas. A relação entre o abate de florestas e a tradução pode, entretanto, não ser imediatamente visível. A seguir desenvolveremos o exemplo da exploração de uma interface entre esses dois temas.

Não constitui novidade dizer que o Brasil tem tido bastante exposição na mídia pela forma irresponsável com a qual a questão da extinção da floresta tropical na área amazônica tem sido tratada. Dentro do meio artístico, vozes têm sido ouvidas, algumas delas com projeção internacional. Sebastião Salgado e Frans Krajcberg são dois artistas conhecidos que traduziram a indignação que alguém sente ao ver as gigantescas castanheiras da Amazônia em chamas. Escritores de literatura infantil, como o mineiro Ângelo Machado, por exemplo, têm tentado à sua maneira contribuir para trazer o problema à tona<sup>1</sup>. No caso de Ângelo Machado, isso é feito através da denúncia do medo das florestas que é inculcado já cedo nas crianças, através de histórias como a do Chapeuzinho Vermelho e a Bela Adormecida. Por 'medo de florestas' entende-se o temor irracional que os seres humanos têm mostrado em relação às florestas, como locais inóspitos e de perigos. Os

pesquisadores têm tentado explicar esse medo em termos antropológicos, sociológicos e psicanalíticos.

O objetivo geral do presente trabalho é descrever a construção de uma “ponte” entre a Índia e o Brasil, através da tradução do conto *A child and a tree*<sup>2</sup>, que aparece em apêndice ao final desse trabalho.. Mais ainda, o objetivo é mostrar um caso em que a criatividade em tradução foi instrumental na criação de uma atividade de interferência no campo das relações e atitudes para com a ecologia como um todo, em três movimentos distintos. Em nosso caso, o conto foi criado primeiramente em inglês e foi traduzido para outros idiomas da Índia, dirigido aos habitantes do meio rural. Subseqüentemente, ele foi traduzido para o espanhol e para o português. Seguiu-se então a tradução para o palco em Belo Horizonte. Esta última pode ser vista como tradução parcialmente intersemiótica, uma vez que o sistema sótico da escrita também foi usado, acrescentando-se a ele outros sistemas sóticos como o da fala e do movimento corporal. Seguindo-se a clássica taxonomia de Jakobson, a tradução intersemiotica aparece como a “transmutação, pela qual se compreende a transferência de uma mensagem de um tipo de sistema simbólico para outro”<sup>3</sup>. O objetivo específico do presente artigo é seguir de perto a passagem do conto da Índia para o Brasil, e do livro para o palco.

Para alguém que olhe para o enredo da história, como ela foi escrita a partir de um cenário indiano, a primeira coisa que chama a atenção é a ambivalência das atitudes encontradas no texto, que refletem as ambivalências encontradas na Índia contemporânea em relação à Mãe Terra. A história é a de um menino que vive em um povoado em algum lugar da Índia rural. Sua árvore favorita, que fica no caminho percorrido por ele diariamente ao ir para a escola, aparece um dia cortada, assim como são cortadas progressivamente todas as árvores no povoado. Chuvas pesadas e inundações logo se seguem. A combinação de erosão e desertificação da terra traz incerteza para a vida dos habitantes do povoado. O menino, através de sua persistência em descobrir o resultado do corte de

árvores, leva seus vizinhos e depois todo o povoado a criar um programa de recuperação da terra, plantando árvores novas e cuidando delas. O enredo da história, simples como pode parecer, faz alusão a um complexo de atitudes em relação à floresta, que vão desde uma reverência pela árvore amiga até o medo de andar durante a noite pela floresta (o menino sonha com o espírito de sua árvore favorita que, no entanto, aparece como amiga dele). Essa combinação de medo e de reverência é freqüente nos habitantes dos povoados da Índia. Segundo um texto clássico da Índia antiga, o Dhammapada, “o medo nasce da floresta” (*vanato jayate bhaya*)<sup>4</sup>

Retomando a tradução de “A child and a tree”, seria interessante focalizar mais especificamente alguns elementos de tradução criativa encontrados na passagem do texto do inglês para o espanhol e o português. De acordo com Helge Niska<sup>5</sup>, a criatividade tradutória envolveria o uso de algumas estratégias básicas, entre as quais acha-se a omissão de detalhes e o uso de um termo para significar um equivalente “aproximado” ou “provisório”. Nas traduções de ‘A child and a tree’, as ilustrações têm algo a ser observado. Essas alterações criativas nas ilustrações podem nos remeter a alterações que o tradutor julgou necessárias de modo a obter uma adaptação do conto para uma platéia latino-americana. Como exemplo, pode-se ver, à página 7, a figura de uma mulher vestida com um sari, a tradicional roupa das mulheres da Índia, carregando um pote de metal para carregar água em sua cabeça, pote com um formato mais bojudo embaixo e mais estreito acima, típico do oriente, figura esta que foi omitida na tradução em espanhol. O mesmo aconteceu com a pequena mancha vermelha redonda que as mulheres na Índia trazem em sua testa, o que também foi omitido na ilustração da tradução em espanhol, para um grupo de mulheres que aparece à página 21. A razão para essas omissões é óbvia no segundo caso, mas não no primeiro. Algumas outras alterações criativas podem ser vistas como “equivalentes aproximados ou provisórios”, seguindo-se as categorias propostas por Niska. Ao compararmos o livro na versão em inglês e na tradução em

espanhol, observa-se , às paginas 20, 33, 38 e 39, o exemplo do desenho de um templo hindu (abaixo, à esquerda), que a tradução em espanhol transforma em uma igreja católica ao adicionar uma cruz ao topo do desenho do templo (à direita).



De modo similar, um pote de água (pagina 48 e capa do livro), que tem o formato de parte inferior mais larga e a superior mais fina, é transformado em um balde redondo de plástico, comumente usado na América Latina e um turbante é transformado em um chapéu de camponês (página 35 e capa); um grande lagarto é transformado em uma cobra à página 15.



Também à página 32, o desenho de um típico carro de boi indiano com as laterais feitas de folhas de palmeira é substituído por um carro de boi só de madeira . O boi, por suas vez, que na Índia tem chifres longos e um pouco retorcidos na ponta (à esquerda), foram substituídos por uma vaca com chifres curtos (à direita).



No caso da historia ter algum elemento que fizesse sua tradução ser impraticável, mesmo assim haveria a possibilidade de acesso a um método de tradução criativa que poderia ser chamado “acomodação” (*cushion*) , quando, no dizer de Osakwe, “um item intraduzível é transferido e sua inteligibilidade assegurada pelo fato do escritor acomodar o novo item em um novo ambiente” <sup>“1</sup>. Isso pode ser observado no texto à página 27 , onde o menino coloca uma questão aos “ elders of the village”<sup>2</sup> . O texto em espanhol traduz, fazendo uma acomodação, como “las autoridades del pueblo”, uma vez que o sistema de panchayat é desconhecido na América Latina.

Aonde nos levam essas considerações? Talvez a nos indagar o que está acontecendo aqui em termos de uma tradução intercultural . Para Anthony Pym<sup>3</sup> , a tradução intercultural não está “nem aqui nem ali, nem mesmo nos movimentos rápidos entre aqui e ali. Minha preocupação com uma interculturalidade digna do prefixo “inter” é o que está no meio(...). O que está entre esses textos ?”

As traduções em português e espanhol puderam ser exibidas na Earth Summit Conference no Rio, em junho de 1992, com razoável

interesse por parte do público, especialmente por parte de educadores, que se interessaram pelo kit do professor que acompanha o livro, com atividades pré-leitura, jogos e informações sobre programas de recuperação do solo. Estaria o público respondendo àquilo que está 'entre os textos', no dizer de Pym?

Quanto à tradução intersemiótica, há de se considerar como *A child and a tree* foi adaptado para a transmissão ao vivo em um palco. Isso ocorreu no contexto de uma semana dedicada ao meio ambiente em Belo Horizonte, em outubro de 2000, dentro da programação da UFMG Jovem. Na ocasião, um grupo de alunos do terceiro ano da Escola de Artes Cênicas da Universidade Federal de Minas Gerais apresentou uma peça de cinquenta minutos com roteiro construído por eles a partir da tradução para o português de *A child and a tree*. O acontecimento teve lugar em um domingo, no maior parque público de Belo Horizonte, o Parque das Mangabeiras. Primeiro torna-se necessário dizer como o professor desse curso, o autor do presente trabalho, se preparou com os alunos para a tarefa. Segue-se um comentário sobre alguns desafios em termos de transferência cultural relacionados à apresentação no palco.

Dentro de uma disciplina que cobre manifestações do teatro em várias culturas, esses estudantes de Artes Cênicas tinham sido expostos à teoria do teatro indiano, no tocante à Rasa (emoção estética) e ao drama clássico de Kalidasa. Tudo isso tinha sido bastante novo para o grupo em termos de quantidade de informações. Um grupo de cinco estudantes se ofereceu como voluntários para criar uma performance de um texto da Índia. Foi então que surgiu a idéia de trabalhar com a história de *A child and a tree*. A proposta tendo sido aceita, a tarefa que se apresentava era escrever um roteiro para a peça, baseado no conto. Não se tratava de fazer uma simples transposição do texto para uma narrativa oral com diálogos. A tarefa iria requerer a criação de uma estrutura narrativa e de um ponto de vista de exposição para essa estrutura. Isso seria feito pelos próprios estudantes, usando instrumentos heurísticos de pré-escrita como uma forma de exploração de personagens, em

um trabalho de laboratório teatral. Enquanto olhavam para os personagens da história, os alunos se perguntavam: “que tensão pode ser vista no personagem?” Ou então, “que espécie de energia ela demonstra?”. Durante os ensaios, as improvisações feitas por eles criavam um roteiro sempre em transformação, roteiro este que teve mudanças mesmo durante a apresentação no palco, enquanto os atores respondiam às reações da platéia.

Isso nos leva a considerar o que aconteceu durante a apresentação no parque. Pode-se dizer que a platéia apreciou o texto e respondeu bem quando os atores convidavam à participação. Ao final, uma pequena exibição de materiais sobre o cuidado com o meio ambiente na Índia e no Brasil chamou a atenção do público, enquanto ele se preparava para deixar o local defronte ao palco erguido onde se dera a apresentação.

Em retrospectiva, a experiência de traduzir o conto para a apresentação teatral no palco foi gratificante para todos. Quanto ao trabalho que tivera de ser feito antes da apresentação, os estudantes primeiro enfrentaram o desafio de escrever colaborativamente um roteiro para a peça. Os aspectos lingüísticos não criaram problemas, mas alguns aspectos culturais tiveram de ser levados em conta. Mais especificamente, as reações das crianças para com as pessoas mais velhas têm um papel importante no texto do conto. Essas reações são diferentes no Brasil e na Índia, uma vez que as crianças dos povoados indianos são tradicionalmente ensinadas a mostrarem um comportamento respeitoso para com os mais idosos. O mesmo não acontece, geralmente, no Brasil. Na adaptação brasileira, o ator que fazia o papel do menino devia, em atendimento ao que se esperava da ação de uma criança brasileira diante de sua professora, ser repreendido por ela devido a sua impertinência ao responder as perguntas feitas pela professora. Isso, obviamente, divertiu bastante a platéia.

Quanto aos desafios da transferência intercultural, pode-se dizer que os contrastes culturais entre Brasil e Índia tiveram algum impacto sobre a tradução. Entre outras coisas, pelo fato de ter a

população do Brasil, diferentemente daquela da Índia, passado por um processo de migração acelerada do campo para as cidades. O conceito de um povoado e de uma floresta perto dele é, atualmente, algo abstrato para a maior parte da população brasileira. Na Índia, ao contrário, mais de setenta por cento de sua imensa população vive em áreas rurais.

Como conclusão, pode-se dizer algo sobre criatividade de tradução quando do trabalho com o conto *A child and a tree*. Primeiro, observou-se a criatividade em curso quando a tradução teve de ser, como o texto que lhe deu origem, ilustrada com desenhos. A opção poderia ter sido por 'estrangeirizar' a tradução, deixando as ilustrações originais sem adaptação, de modo a que o leitor latino-americano percebesse os contrastes culturais que existem entre a Índia e o Brasil. Uma opção como essa, embora pudesse ser interessante para fins de documentação da diferença cultural, não é adequada para uma abordagem que almeja ser eficaz para a criação de uma consciência ecológica.<sup>4</sup> . Pode-se dizer que as alterações criativas nas ilustrações contribuíram para possibilitar que o texto pudesse ser lido por estudantes latino-americanos, que foram então capazes de transformá-lo em um roteiro para encenação no palco . Em segundo lugar, o uso de criatividade tradutória também mostrou-se necessário na tradução da história para um outro tipo de platéia, aquela que pode ser encontrada em uma apresentação teatral ao vivo. Isso foi feito com sucesso pelo grupo de estudantes de artes cênicas, se julgarmos pelas reações de empatia e de interesse oferecidas pela platéia.que mobilizam as ações.”



---

## Notas

1. Ganhador do 38º Prêmio Ford de Conservação Ambiental, “ Ângelo Machado, ao final de uma série de pesquisas, constatou que a imagem predominante que as crianças têm da floresta é negativa, como local perigoso, que desperta medo. Passou então a dar uma série de palestras para elas em todo o Brasil. Em 1989, publicou seu primeiro livro de literatura infantil com temas ecológicos, “O Menino e o Rio”, hoje na 17ª edição e com cerca de 50.000 exemplares vendidos. Hoje, tem 14 livros infantis publicados, incluindo “O Velho da Montanha: uma Aventura Amazônica” (Prêmio Jabuti) e “Chapeuzinho Vermelho e o Lobo-Guará” (“Prêmio Adolfo Aisen), além de “O Casamento da Ararinha Azul: uma História de Amor”, que como os dois primeiros foi adaptado para o teatro, e ganhou o Prêmio SESC-SATED”. [<http://conservation.org.br/ford/1998.html>]
2. Corkery, Forrest & Mueller, Marti. *A Child and a Tree*. Sri Aurobindo International Institute of Educational Research, Auroville Press, TN, India, 1989 ( Tradução em espanhol *El Niño y el árbol* por Wandana Chiodi, Jack Stern e Etel Moreno, 1992; Tradução para o português *O menino e a árvore* por Carlos Alberto Gohn, 1992).
3. Cfr Nida, E. *Towards a Science of Translating*. Leiden: E.J.Brill, 1964, p. 3.
4. Texto na língua Pali. O sujeito é o substantivo **bhayaj** (medo, nominativo singular). O verbo é **jayate** (nasce, 3ª pessoa, singular, voz média, presente do indicativo). Ele tem um atributo, o substantivo **vanato** (de ‘floresta’, ablativo singular). (DhP 283). Algumas traduções trazem “a floresta dos desejos”.
5. Explorations in translational creativity: Strategies for interpreting neologisms. Workshop paper By Helge Niska, Stockholm University 1998 [<http://lisa.tolk.su.se/kreeng2.htm>]
6. Osakwe, Mabel. *Ogun Abibiman: A creative translation of Youruba verse*. Meta, XLIII, 3, 1998, <http://www.erudit.org/erudit/meta/v43n03/osakwe/osakwe.html> (10/10/2000).
7. Um leitor indiano saberia que aqui há uma referência ao sistema de panchayat, no qual cinco membros mais idosos do povoado formam um corpo que tem jurisdição

sobre vários assuntos administrativos. Cfr. *Case Study 4.1* [[www.xalt.co.uk/webSPACE/faithandcommunity/4case1.htm](http://www.xalt.co.uk/webSPACE/faithandcommunity/4case1.htm)]

8. Anthony Pym 1998 *Interculturality in French-German Translation* [<http://www.fut.es/~apym/on-line/frenchgerman.html>]

9. Cfr, Leonardo Boff em *Consciência Ecológica* [<http://www.opopular.com.br/especiais/materias/boff.htm>] “A nova consciência ecológica e a noção da Terra como grande mãe e Gaia passa por um processo pedagógico pelo qual as pessoas se sensibilizam para esta realidade. Não bastam conceitos. Precisamos de emoções, porque são elas que mobilizam as ações.”

## APÊNDICE

(Tradução de *A child and a tree*, feita por Carlos Alberto Gohn do inglês para o português e anexada como encarte à tradução em espanhol exibida no Rio Earth Summit em 1992. Os números correspondem às páginas em que texto correspondente encontra, tanto na edição em inglês quanto na edição em espanhol)

1. Havia um menino que morava em um povoado na Índia. 3. No meio do caminho, entre sua casa e a escola, tinha uma árvore de que ele gostava muito. 4. Ele gostava da árvore porque ela dava sombra. 5. e protegia da chuva. 6. Depois das chuvas fortes, havia poças ao redor da árvore. Ele gostava de brincar nelas e fazer barquinhos de papel. 7. Um dia viu algumas pessoas perto da árvore, mas ele não parou porque estava indo para a escola. 8. Na escola, ele ficou o dia todo pensando no que as pessoas estavam fazendo perto da árvore. 9. Voltando para casa, ele descobriu que a árvore não estava mais no lugar dela. 10. O menino ficou muito triste. A amiga que o protegia do sol quente e da chuva não existia mais. 11. Naquela noite ele teve um sonho diferente. 12. Ele sonhou que a árvore batia na porta de sua casa e dizia: “Não fique preocupado, menino. Meu espírito está vivo. Você deve agora proteger minhas irmãs árvores porque senão todos vão sofrer.” 14. Quando a época das chuvas veio, o menino descobriu que a vegetação, as pedras e a terra macia que havia antes ao redor da árvore tinham desaparecido, levadas pelas águas. 15. Chegou a época do calor. O chão ficou duro como pedra e rachou todo. 16. Alguns meses depois, nas próximas chuvas, o menino reparou num riozinho que corria pelo lugar da rachadura. 17. Aos poucos a rachadura ficou mais larga e funda. 18. Agora ele já tinha de pular sobre ela. 19. Mais tarde ele reparou que outras árvores foram cortadas perto do povoado. 20. Naquele ano, quando as chuvas fortes chegaram o povoado foi inundado e a

escola veio ao chão. 21. As pessoas culpavam Deus e a professora disse que a escola era mesmo velha. 22. O menino reparou que as inundações eram maiores do que nunca. 23. E muito antes que a última poça de água de chuva desaparecesse no povoado, o chão em redor do toco de sua amiga, a árvore cortada, estava todo duro e seco. 24. Será que o chão estava assim porque não havia mais árvores? Será que cortar árvores provocava inundações no povoado? O menino se colocava essas perguntas. 26. Ele perguntou a seu pai. O pai não sabia a resposta. 27. O menino perguntou às autoridades do povoado. Elas não sabiam a resposta. 28. O menino perguntou à professora. Ela disse que não sabia, mas que ia procurar a resposta. 29. duas semanas mais tarde a professora disse: “Sim, cortar árvores faz a terra ficar dura e aumenta as inundações.” 30. Ela explicou que as árvores e as plantas seguram a água com suas folhas e raízes. Elas ajudam a fazer com que o solo não seja levado embora pelas chuvas fortes. As árvores também atraem nuvem e mais chuva. 32. Quando as árvores do povoado foram cortadas, o solo ficou desprotegido. 33. Quando as chuvas vieram, a água chegou com rapidez ao povoado e o inundou. 34. A enchente foi para o rio e depois para o mar, levando com ela o solo fértil, folhas, vegetação e outras coisas. 35. Quando o sol e a época do calor chegou, não havia mais água e a terra estava com mais sede do que nunca. As árvores e a sombra que elas davam não existiam mais e era muito mais difícil achar lenha. O solo fértil tinha sido levado embora. Assim, as plantações não cresciam mais como antes. 36. O chão rachou e durante a época das chuvas a água correu nas rachaduras e elas aumentaram. 37. Por fim, havia um pequeno abismo. 38. Antes, quando havia água, elas ajudavam a reter a água no solo. Assim os poços do povoado ficavam cheios e as pessoas tinham água para usar. 39. Agora, sem as árvores, quase não há água nos poços do povoado. 40. “É assim que as árvores trazem água e vida”, disse a professora.

---

41. Quando o menino foi para casa de tarde, ele contou para seu pai o que a professora havia dito. 42. O pai dele falou com as autoridades do povoado. Elas disseram que iam ajudar. 43. Alguns meses mais tarde quando as chuvas novamente vieram, o menino saiu com seus amigos e foi plantar árvores. Primeiro eles cavaram um buraco para afogar a terra. Depois eles colocaram uma mudinha no buraco com todo cuidado e cobriram as raízes. Em seguida deram a cada mudinha um pouco de água. 44. O menino plantou uma mudinha no mesmo lugar onde antes estava a árvore de que ele gostava muito. 45. “Essa vai ser para você cuidar”, disse seu pai. 46. O menino fez um muro de terra em redor da árvore para segurar a água quando as chuvas viessem. Ele também fez uma cobertura de folhas secas. Isso ajuda o solo perto da árvore a ficar úmido. 47. Ele colocou paus e fez uma cerca de espinhos em redor da arvorezinha para os cabritos não comerem suas folhas mais macias e a casca da árvore. 48. Ele cuidava bem da árvore. Quando fazia muito calor, trazia água para ela. Isso era muito importante. 49. aos poucos a árvore começou a crescer. Agora o menino já tinha uma amiga. 50. Alguns anos mais tarde ela dava sombra e abrigo da chuva. 51. Muitos anos mais tarde, o menino, já homem feito, voltou com seu próprio filho para sentar-se à sombra da árvore e sentir o seu frescor. 52. e aos poucos nasceu ali uma floresta.